



PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO CONTEXTO DO PROJETO MEIO AMBIENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID NA AMAZÔNIA ACREANA

Gabriele da Silva Campelo ¹
Adriana Ramos dos Santos ²

RESUMO

Este artigo, trata-se de um relato de experiência sobre práticas de letramentos realizadas durante o Projeto Meio Ambiente, desenvolvido por uma bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculada ao subprojeto de Pedagogia da Universidade Federal do Acre. A experiência ocorreu em uma escola pública estadual localizada em Rio Branco – AC, em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental no contexto da regência de prática docente da bolsista. A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa, de cunho descritivo, por meio da qual se buscou compreender as práticas vivenciadas a partir da escuta das crianças e da observação do cotidiano escolar. A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante, com foco nas interações ocorridas durante as rodas de conversa em sala de aula. As atividades propostas buscaram integrar o desenvolvimento da oralidade com a temática da educação socioambiental, valorizando os conhecimentos prévios e a visão de mundo das crianças. O ponto de partida do trabalho foram duas perguntas norteadoras feitas aos alunos: “O que é o meio ambiente?” e “Se o meio ambiente é tudo que está à nossa volta, o que temos ao nosso redor?”. As respostas das crianças serviram como base para refletir sobre suas formas de compreender o espaço em que vivem. Assim, este relato descreve as estratégias utilizadas para promover os letramentos a partir da escuta sensível das vozes infantis, destacando os caminhos criativos que emergiram na relação entre linguagem, natureza e cotidiano escolar. A experiência evidencia a importância de práticas pedagógicas que reconheçam as crianças como sujeitos produtores de sentidos e participantes ativos nos processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Letramentos, Educação Socioambiental, Prática Docente, PIBID.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre práticas de letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem ocupado lugar central nas pesquisas que compreendem a linguagem como prática social e discursiva. Nesse sentido, trabalhar com crianças pequenas exige reconhecer que elas são sujeitos históricos, culturais e capazes de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Acre - UFAC, gabriellesilvacampelo@gmail.com;

² Doutora em Educação, professora Associada da Universidade Federal do Acre - UFAC, adriana.santos@ufac.br



produzir sentidos sobre o mundo por meio da palavra, do gesto, da escuta e das interações cotidianas.

É nesse horizonte teórico que se insere o presente artigo, que apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao subprojeto de Pedagogia da Universidade Federal do Acre.

A experiência foi realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola estadual localizada em Rio Branco – AC, durante a regência da bolsista no Projeto Meio Ambiente. Partiu-se da compreensão de que o trabalho com a temática ambiental possibilita integrar práticas de oralidade, leitura do mundo e desenvolvimento de consciência socioambiental. Ao propor atividades baseadas em rodas de conversa, buscou-se valorizar as experiências, saberes prévios e interpretações das crianças sobre o espaço em que vivem.

A justificativa para o desenvolvimento do projeto emerge da necessidade de propor práticas de letramento que dialoguem com a realidade das crianças e que reconheçam a potência da escuta sensível para a construção de aprendizagens significativas. As falas infantis que surgiram durante as atividades — como “Professora, o meio ambiente é um adulto que não sabe ler” e “Professora, o que está ao nosso redor é os anjos de Jesus” — revelaram modos particulares de compreender o mundo, articulando linguagem, imaginário, experiências familiares e referências sociais.

Dessa forma, o objetivo geral deste artigo é relatar e analisar práticas de letramento desenvolvidas no Projeto Meio Ambiente, destacando o papel da oralidade e da escuta na construção dos sentidos atribuídos pelas crianças ao conceito de meio ambiente e ao espaço ao redor. Os objetivos específicos incluem: (1) compreender como as crianças expressam suas percepções sobre natureza e cotidiano; (2) analisar as produções discursivas infantis à luz da perspectiva dos letramentos como práticas sociais; e (3) refletir sobre a importância da escuta sensível na prática pedagógica.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se como qualitativa (Yin, 2016), de natureza descritiva, fundamentada na observação participante. Conforme aponta o

autor, “a pesquisa qualitativa difere por sua capacidade de representar as visões e perspectivas dos participantes de um estudo” (p. 22). o que reforça a adequação dessa abordagem para compreender os modos pelos quais as crianças constroem e expressam sentidos sobre o meio ambiente. A opção pela pesquisa qualitativa permitiu maior aproximação com o cotidiano escolar, favorecendo a compreensão das interações, gestos, falas e comportamentos que emergiram de forma espontânea durante as atividades.

A observação participante permitiu que a bolsista, na função de regente durante o Projeto Meio Ambiente, acompanhasse os processos interativos da turma e registrasse as falas, comportamentos, gestos e relações estabelecidas no contexto das rodas de conversa.

A coleta de dados ocorreu ao longo das aulas destinadas ao projeto, especialmente durante as atividades de oralidade. As rodas de conversa eram iniciadas a partir de perguntas norteadoras, formuladas com o intuito de incentivar a participação espontânea das crianças e promover o exercício da escuta ativa. As duas perguntas centrais analisadas foram: (1) "O que é o meio ambiente?" e (2) "Se o meio ambiente é tudo que está à nossa volta, o que temos ao nosso redor?".

O processo analítico seguiu pressupostos da pesquisa qualitativa, respeitando a subjetividade das crianças enquanto sujeitos produtores de sentidos. Os dados foram examinados à luz de referenciais teóricos que compreendem a linguagem como prática social, permitindo identificar relações entre discurso, imaginação infantil e construção de conhecimentos sobre o ambiente.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que fundamenta este estudo apoia-se em autores que compreendem a linguagem como fenômeno social, histórico e interativo. Bakhtin (1992) sustenta que toda produção discursiva se constitui na relação entre sujeitos e nos múltiplos contextos sociais que atravessam suas experiências.

Segundo o autor, “É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, [...] a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 2014, p. 42), essa perspectiva ressalta que as crianças, ao produzirem enunciados, não apenas reproduzem informações, mas expressam modos próprios de significar



sus vivências, evidenciando uma participação ativa nos processos comunicativos.

Em a criança na fase inicial da escrita, Smolka (2012), discute a alfabetização e as práticas de linguagem na infância, enfatizando que a criança não é apenas receptora de conhecimentos, mas sujeito que interpreta, ressignifica e cria sentidos a partir das interações cotidianas. A autora desenvolve essa ideia nos seguintes termos:

Como vemos as crianças, hoje? O que sabemos delas, dos seus processos de desenvolvimento, da construção de seus conhecimentos, da ampliação de suas visões de mundo? Como essas crianças veem o mundo em que vivem? Quais as suas condições de vida? O que dizem sobre o mundo? Sobre a vida? (Smolka, 2012, p. 27).

Para a autora, compreender o que a criança diz — e como diz — é essencial para pensar práticas pedagógicas que respeitem sua singularidade e seu modo próprio de estar no mundo.

Outra base importante deste estudo refere-se às contribuições de Street (2014) acerca dos letramentos como práticas sociais. O autor argumenta que o letramento não pode ser reduzido a habilidades técnicas de leitura e escrita; trata-se, antes, de um conjunto de práticas situadas cultural e historicamente, permeadas por valores, crenças e relações de poder.

Assim, quando as crianças afirmam que “o meio ambiente é um adulto que não sabe ler” ou que “ao nosso redor estão os anjos de Jesus”, mobilizam repertórios que ultrapassam o que é institucionalmente ensinado, revelando práticas discursivas enraizadas em seus contextos socioculturais.

O pensamento bakhtiniano reforça essa compreensão ao destacar que o uso da linguagem não existe fora da vida social. Para Bakhtin (2014), a produção de um enunciado está sempre atravessada por um horizonte social que orienta o modo como o falante organiza sua fala. Nas palavras do autor:

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de um discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e



se exprime para um auditório social bem-definido. [...] O signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados. (Bakhtin, 2014, p. 16)

X Encontro Nacional das Licenciaturas

IX Seminário Nacional do PIBID

A partir desse entendimento, as falas das crianças não podem ser vistas como ingênuas ou desconectadas, mas como expressões de como significam o mundo a partir das múltiplas vozes que constituem sua experiência.

No campo da educação ambiental, Loureiro (2019) destaca que a formação de sujeitos críticos e conscientes exige o reconhecimento da criança como agente capaz de refletir sobre sua relação com o ambiente. A educação socioambiental, quando articulada à linguagem, favorece a construção de sentidos sobre natureza, vida comunitária e responsabilidade coletiva.

Dessa forma, o referencial teórico adotado sustenta a compreensão de que a análise das falas infantis deve considerar o contexto sociocultural em que são produzidas e a multiplicidade de vozes que compõem o discurso das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nas rodas de conversa evidenciam a riqueza das produções discursivas das crianças e a diversidade de interpretações atribuídas ao conceito de meio ambiente. As respostas analisadas revelam tanto elementos relacionados à vivência cotidiana quanto aspectos simbólicos e afetivos que compõem o repertório infantil.

Tais produções demonstram que as crianças constroem sentidos a partir de múltiplas fontes — sociais, culturais, emocionais e imaginárias — o que exige do educador uma escuta sensível e aberta às diferentes formas de leitura do mundo.

A primeira resposta que emergiu das perguntas norteadoras demonstra que a criança articula suas percepções sobre o mundo social ao tentar definir o meio ambiente. Ao associá-lo a “um adulto que não sabe ler”, a criança mobiliza sua compreensão sobre desigualdade de acesso ao conhecimento e o valor atribuído à leitura na sociedade. Essa fala indica que as crianças percebem a relação entre letramento e pertencimento social, reconhecendo que a falta de leitura pode representar ausência de oportunidades.





Tal enunciado também evidencia uma possível compreensão literal da palavra "meio" como algo incompleto, ~~corrompido ou decadente~~, faltante ou deficitário, o que reforça o caráter interpretativo da linguagem no processo de construção de sentidos.

A segunda resposta analisada — “o que está ao nosso redor são os anjos de Jesus” — amplia ainda mais o espectro de compreensões possíveis. Nessa fala, a criança mobiliza elementos do imaginário religioso, combinando espiritualidade, fantasia e afetividade para explicar o que percebe no entorno.

Esse enunciado mostra que as crianças integram ao seu modo de ler o mundo valores e narrativas presentes em seu contexto social e familiar, evidenciando que o conceito de ambiente é compreendido não apenas como espaço físico, mas como universo simbólico habitado por presenças, crenças e significados.

Esse tipo de enunciado reforça a importância de a escola reconhecer a presença do imaginário infantil como parte constitutiva do processo de aprendizagem. Nesse sentido, o discurso religioso não foi tratado como erro ou desvio, mas como uma expressão legítima da forma como a criança lê e interpreta o mundo ao seu redor.

Essa compreensão exige que o educador valorize as diferentes leituras que as crianças produzem, pois elas revelam modos próprios de significar suas experiências.

Desse modo, o pensamento freireano oferece uma lente fundamental para compreender tais manifestações. Como afirma Paulo Freire (1989):

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Adernais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (Freire, 1989, p. 7).

À luz dessa perspectiva, a análise dos dados revela que o ambiente, para as crianças, é compreendido não apenas como um espaço físico, mas como um conjunto de elementos reais, imaginários e sociais que estruturam suas vivências. Assim, quando as crianças evocam narrativas religiosas ou fantásticas, elas mobilizam repertórios que ampliam sua leitura de mundo — movimento essencial no processo de alfabetização entendida como prática discursiva e social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

A experiência relatada evidencia que práticas de letramento desenvolvidas a partir da oralidade e da escuta sensível constituem caminhos potentes para a formação das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

As falas analisadas revelaram que os estudantes mobilizam repertórios complexos e heterogêneos, integrando elementos sociais, culturais, imaginários e familiares em suas produções discursivas. Isso demonstra que a linguagem infantil é marcada por múltiplas vozes e experiências que precisam ser reconhecidas e valorizadas no contexto educativo.

Ao trabalhar com a temática do meio ambiente, tornou-se possível perceber que a compreensão das crianças sobre o entorno ultrapassa a ideia de natureza enquanto conjunto de elementos físicos. As crianças atribuem significados simbólicos ao espaço, incorporando crenças, afetos, memórias e interpretações próprias que ampliam a noção de ambiente para além do visível.

Essa perspectiva confirma que a leitura de mundo precede e orienta a leitura da palavra, como aponta Freire, e que o processo de alfabetização deve considerar as dimensões subjetivas e socioculturais que compõem o olhar infantil.

Os resultados também mostram que práticas de letramento mediadas pela oralidade ampliam as possibilidades de expressão e elaboração de sentidos pelas crianças. As rodas de conversa configuraram-se como espaços de troca, criação e negociação coletiva de significados.

Nesse ambiente, as crianças puderam assumir seu papel de sujeitos ativos na construção do conhecimento, compartilhando interpretações que dialogam com suas vivências e imaginários.

Dessa forma, conclui-se que práticas pedagógicas que reconhecem e legitimam as falas das crianças contribuem para uma educação mais inclusiva, crítica e significativa. O Projeto Meio Ambiente mostrou-se um espaço fecundo para explorar as relações entre linguagem, natureza e cotidiano, permitindo que os estudantes construíssem aprendizagens ancoradas em suas experiências e leituras de mundo. Tais práticas apontam para a necessidade de uma escola que escuta, dialoga e se abre à pluralidade dos sentidos produzidos pelas infâncias.





REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação Ambiental: questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.